

## O “ENTRE-LUGARES”: UMA LEITURA *QUEER* DO CONTO *DAMA DA NOITE*, DE CAIO FERNANDO ABREU

Rodolfo Luiz Brito Torres  
Departamento de Letras - UFRN

A obra do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu trata muitas vezes de temáticas consideradas polêmicas ou tabus por parte da sociedade em geral. O autor, inserido nesse contexto, critica veementemente noções antiquadas e anacrônicas de relações entre sujeitos e as relações entre indivíduo e sociedade. As obras de Caio demonstram certo nível de crítica social, que perpassa os escritos do autor como elemento apenas a ser inferido. Uma leitura meramente estética dos textos – leitura dos recursos literários que compõem o texto – não dá indícios da extensão do caráter crítico da obra. Porém uma leitura mais atenciosa pode revelar elementos que corroboram com essa veia crítica do autor. Um destes aspectos polêmicos tratado na obra de Caio é a temática da AIDS. O autor trata do tema de um modo muito peculiar ao longo de toda a sua produção literária, podemos citar aqui como exemplos os contos “Linda, uma história horrível” e “Dama da noite”, do volume de contos *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988) e o romance *Onde andaré Dulce Veiga* (1990), entre outros. A AIDS nunca é o tema principal das obras, mas aparece como uma presença a ser lida nas entrelinhas. De fato, exceto por raras exceções, nos contos de Caio em que a doença é citada, ela nunca é nomeada. Porém ela não deve ser considerada um elemento fortuito nas obras do autor: a leitura da sua presença é, na verdade, uma forma de entender a escrita de Caio.

Esse artigo tem por objetivo analisar o conto *Dama da Noite* que está presente no livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), e que, como afirma Marcelo Secron Bessa (2002:117), “é todo marcado pela AIDS”, apesar dessas marcas não serem aparentes – a presença da AIDS é apenas inferida nos contos. Esta presença pode ser percebida pela atmosfera criada pelo autor – tanto no plano físico quanto no psicológico – que envolve as personagens. Secron (2002:118) nos diz, em *Os perigosos: autobiografia e AIDS* (2002), que “é o automatismo de um ‘mundo de zumbis’ e o clima de solidão, permeado por uma angustiada desesperança, que dão o tom a *Os dragões...*”. As personagens de Caio em *Os dragões...* vivem em um “estado de sítio afetivo-sexual” (BESSA, 2002:120), em que estão proibidas de tocar no corpo do outro, e para essas personagens “a impossibilidade do toque [...] é algo desesperador e angustiante” (BESSA, 2002:120). E é esse clima de “paranóia do corpo” gerado pela AIDS que permeia todos os contos de *Os dragões...* Em *Dama da Noite*, mais especificamente, temos o que Secron (2002:122) define como “a amargura de viver em um momento em que o toque no corpo alheio se transforma em horror”, um horror não-nomeado, mas que se infiltra por todo o conto como uma presença constante. Esse horror é o HIV, que surge no texto como uma espécie de sinal, ou marca, de “mantenha distância”. O conto se constrói como um monólogo abordando a questão da descentralização do sujeito na sociedade moderna, em que a personagem, nomeada como *Dama da Noite*, discorre sobre estar inserido nos limites do padrão social ou estar fora

deles. Tendo por base a teoria *queer*, que pode ser definida em linhas gerais como a teoria que “explora os processos pelos quais a identidade sexual é, e tem sido, constituída nas sociedades contemporâneas e passadas” (EDGAR; SEDGWICK. 2003:348), desvendaremos, por meio da leitura de certos elementos *queer* da narrativa, como o autor constrói essas metáforas.

A teoria *queer*, como afirma Mário César Lugarinho (2001:36), “tenta dar conta nitidamente do excêntrico em termos de gêneros à medida que parte do princípio de que a orientação sexual difere da identidade sexual e da sua própria sexualidade biológica”. Caio não pode ser chamado de escritor engajado na causa *gay*, mas sua escrita revela traços de homoerotismo que podem ser analisados à luz da teoria *queer*. A escrita de Caio “é marcada pela busca da diferença, pelo lugar da diferença, que é também o lugar da identidade. [...] Sua escrita busca o lugar incomum, invulgar, utilizando mesmo o lugar comum para isto” (DA SILVA: 2001:1). Com base nestas afirmações podemos entender a obra de Caio como um lugar em que as identidades como elas estão estabelecidas são postas em questão. E é nesse conflito que reside o traço que consideramos como *queer* na escrita do autor. Levamos em consideração para o nosso estudo também o conceito de *queer* que nos é dado por Guacira Lopes Louro no livro *Um corpo estranho* (2004):

“Queer é tudo isso: estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecidível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina” (LOURO, 2004:7-8).

Com base nesta concepção, entendemos a leitura *queer* do texto como uma leitura dos elementos transgressores, principalmente da fala da personagem, que compõem o texto: as ideologias que fogem ao senso comum e conduzem a uma reflexão crítica acerca do tema abordado. Com base nessa perspectiva podemos apontar a personagem como “uma estratégia estética utilizada para personificar idéias de um modelo que foge à lógica dominante” (MACHADO, 2006:90).

O discurso da personagem manifesta uma crítica à massificação da cultura e se posiciona a margem de tal lógica cultural dominante. Wilton Garcia afirma que o conto é “uma crítica pontual sobre o sistema hegemônico falocrático” (2004:211) e que “*Dama da Noite* questiona a participação e a integração dos sujeitos nas rodas sociais com um ar metafórico” (2004:213). A *Dama da Noite* está, em suas próprias palavras, “por fora do movimento da vida” (ABREU, 1989:91). A personagem se utiliza desta metáfora para afirmar o seu caráter de sujeito marginal, que está fora dos limites comuns impostos pela sociedade. Caio faz uso dessa imagem para evidenciar o aspecto *queer* de sua narrativa. A *Dama da Noite* é vista como estranha, esquisita, singular, e, também, como *drag* (vale salientar que o conceito de *drag* por nós utilizado é o do performista que desenvolve um papel, que encena um personagem, diferindo do conceito de travesti que assume tanto psicologicamente como fisicamente uma outra identidade). A *drag* “excluída de qualquer roda por sua experiência, falta de ingenuidade, por possuir maior conhecimento do que é

procurado e desejado neste universo de prazeres” (MACHADO, 2006:90). Em seu discurso a *Dama da Noite* manifesta o descontentamento de não poder participar de “uma roda” – um contexto social em que haja interação entre os sujeitos que o compõem – mesmo no universo *underground* em que todos os estereótipos marginalizados se encontram: “Todo esse pessoal de preto e cabelo arrepiadinho sorri pra você porque você é igual a eles. Se pintar uma festa, te dão um toque, mesmo sem te conhecer. Isso é rodar na roda, meu bem” (ABREU, 1989:94). Não há cumplicidade entre a personagem e seu interlocutor – e os de sua geração –, ela afirma categoricamente, “eu não sou igual a eles, eles sabem disso” (ABREU, 1989:94). Porém, é nesse “universo de prazeres” que reside o maior risco de todos: a AIDS. Nesse universo em que está inserida a personagem é que estão os sujeitos da sexualidade desviante, aqueles que fogem as regras sociais vigentes, os que estão fora da roda – vista aqui como o padrão socialmente estabelecido dominante. A *Dama da Noite* circula por estes ambientes noturnos do universo *underground*, principalmente ambientes *gays*, onde encontra uma grande variedade de tipos, de personagens estereotípicos. Esses cenários são de grande importância para a compreensão da narrativa, pois como afirma De Oliveira (2007:1): “o espaço urbano com suas tramas tem sido o foco condutor da tessitura da homoafetividade em Caio Fernando Abreu”. Os caminhos que a personagem faz em seu trajeto podem ser considerados como um “entre-lugares” aonde os sujeitos marginais – aqueles excluídos da roda – circulam, e isto pode ser entendido como uma metáfora para os caminhos pelos quais o vírus da AIDS percorre. Tomamos aqui o conceito de “entre-lugares” como um lugar “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão” (SANTIAGO, 2000:26). Esse lugar sempre entre duas ideologias conflitantes, em que há uma tensão permanente, aonde os sujeitos lutam para se impor como sujeitos autônomos, que não seguem uma ideologia nem outra, ou mesmo uma mistura das duas, mas que professam a sua própria ideologia.

Caio em sua narrativa joga com uma dicotomia normal/estranho utilizando recursos metafóricos, tais como a personificação, que percorrem todo o texto. Joga, também, com a sexualidade desviante e suas nuances. *Dama da Noite* brinca com o imaginário da “passividade assassina” quando afirma:

“Eu sou a dama da noite que vai te contaminar com seu perfume venenoso e mortal. Eu sou a flor carnívora e noturna que vai te entontecer e te arrastar para o fundo de seu jardim pestilento. Eu sou a dama maldita que, sem nenhuma piedade, vai te poluir com todos os líquidos, *contaminar teu sangue com todos os vírus*” (ABREU, 1989:95 Grifo nosso).

O grifo na citação anterior reforça a nossa idéia de que a personagem *Dama da Noite* é uma personificação do vírus da AIDS. A temática da doença pode ser percebida em maior ou menor grau em grande parte da obra de Caio. Ele se utiliza de vários meios para referir-se à AIDS sem nomeá-la. Marcelo Secron, em *Histórias positivas* (1997), afirma que

“nos textos de Caio Fernando Abreu que abordam a AIDS, a não-nomeação é uma ordem. Em todos eles, a AIDS é subentendida em maior ou menor grau, mas quase nunca a sigla é escrita. As exceções são as duas rápidas vezes em “Pela noite”, uma

em “Dama da noite” (conto de *Os dragões não conhecem o paraíso*), e uma em *Onde andaré Dulce Veiga?*, o que praticamente não conta” (BESSA, 1997:81).

Essas metáforas utilizadas por Caio – como em *Linda, uma história horrível*, outro conto de *Os dragões...*, em que o autor não nomeando o vírus da AIDS faz com que o leitor apenas infira que se trate do tema do conto – não são incidentais, elas incorporam um tipo de operação ideológica: Caio imita a sociedade ao não nomear o vírus e com isso faz uma crítica aos padrões de pensamento sobre a AIDS. Ele critica o silêncio sobre o tema, a reprovação muda que recaí sobre o sujeito portador do HIV. Uma reprovação que advém da situação homoerótica do indivíduo. Apesar de esse ser um dos poucos escritos de Caio em que há uma referência explícita – mesmo que apenas em uma passagem –, pode-se entender essa nomeação como um reforço à imagem dessa metáfora, e a partir dela ele tece um discurso irônico sobre o pensamento convencional que se tinha do vírus no final dos anos 80. O discurso que colocava a AIDS como um “câncer gay”, uma deterioração dos valores morais, e que por consequência deveria ser “extirpado” da sociedade.

A partir de um fragmento de um poema que serve de epígrafe ao conto Caio constrói a personagem que, como afirma Marcelo Secron (2002:125), está “presa a um tempo nostálgico e se tornando um anacronismo vivo”. A citação de Lúcia Villares – “E sonho esse sonho/que se estende/em rua, em rua/em rua/em vão.” – revela uma atmosfera de desesperança que se estende por todo o conto, “uma sensação de que tudo já foi feito, tudo experimentado” (SAVIO, 2003:186). O discurso da personagem é sarcástico e duro, e Caio para compor esses elementos utiliza “uma linguagem densa, carregada, visceral em que se manifesta o peso” (SAVIO, 2003:186) para realçar esse aspecto de desesperança. A fala da personagem é a fala daqueles que perderam o encanto com a vida. *Dama da Noite* se dirige ao seu interlocutor – que não tem voz – de uma forma irônica. Para ela, a geração dele é “uma geração de ‘zumbis’, fadada a ver o corpo do outro como se fosse uma arma mortal e à qual é negado o toque no corpo alheio sem que este desperte medo e nojo, ao invés de prazer” (BESSA, 2002:123). Wilton Garcia (2004:218) diz que “a realidade enunciada pela protagonista descreve a condição de incerteza – rude, cruel e violenta – que envolve o corpo”. A *Dama da Noite* vive em um mundo vazio e desiludido, amargando a solidão da noite longa – que se estende por outras noites –, se agarrando a uma última esperança:

“É por ele que eu venho aqui, boy, quase toda noite. Não por você, por outros como você. Pra ele, me guardo. Ria de mim, mas estou aqui parada, bêbada, pateta e ridícula, só porque no meio desse lixo todo procuro O Verdadeiro Amor. Cuidado comigo: um dia encontro” (ABREU, 1989:97-8).

*Dama da Noite*, como outros personagens de Caio, tais como o protagonista do conto *Sem Ana, blues* também de *Os dragões...* ou o protagonista do romance *Onde andaré Dulce Veiga?*, se prende a ilusão do “amor verdadeiro” para poder sobreviver. Porém, esse amor lhe é proibido, pois ela não pode tocar o corpo do outro. E essa impossibilidade gera uma angústia insuportável, uma vez que ela, como outras pessoas de sua geração, já tiveram esse contato com o corpo do outro, no entanto, agora estão impossibilitados de consumarem o amor que tanto buscam por causa do vírus da AIDS. Caio, em seu texto, “mostra nas

subjetividades destroçadas das personagens o resultado que a falta do outro, o amado, faz na definição de si mesmo” (MACIEL, 2006:34). E essa personagem personifica, de forma metafórica, o vírus – a impossibilidade de ela tocar o corpo do outro a torna a “imagem viva” do que é a doença. Uma outra imagem que podemos associar à *Dama da Noite* é a imagem do vampiro “que não suporta luz e dorme o dia inteiro” (GARCIA, 2004:215). A própria personagem afirma: “Dama da noite todos me chamam e nem sabem que durmo o dia inteiro. Não suporto luz, também nunca tenho nada pra fazer...” (ABREU, 1989:91-2). Essa imagem do vampiro pode ser associada à metáfora da doença que ataca e suga a vida de seu portador. Também pode ser associada ao fato de que a AIDS – como o vampirismo – é transmitida de um portador a um indivíduo saudável por meio do “beijo” – metáfora que representa o ritual pelo qual os vampiros “criam” novos indivíduos de sua espécie e que consiste da troca de sangue entre dois indivíduos. Então a *Dama da Noite*, e por extensão o vírus da AIDS, podem ser vistos como um vampiro perambulando pela noite prestes a sugar mais uma vida e lhe infectar com sua doença sem nunca encontrar descanso – ou o “verdadeiro amor” tão ansiado pelos personagens de Caio. Amor que comumente se reflete no sexo – “as personagens procuram no sexo a promessa do ‘grande amor’” (BESSA, 2002:120) –, o próprio Caio afirma que “os personagens querem a fusão das duas coisas, sexo e amor” (BESSA, 2002:120).

A personagem, em todos os seus aspectos, revela esses traços *queer* que são o elemento de transgressão da narrativa. *Dama da Noite* representa, genericamente, o sujeito “entre-lugares”, o sujeito que se opõe a uma ordem pré-estabelecida e se recusa a obedecer a qualquer modelo imposto por uma sociedade hipócrita e conservadora, cujos valores se esvaziaram de sentido e não são mais do que velhos (pre)conceitos reeditados para os tempos modernos. Há uma quebra de padrões no comportamento da personagem, revelado – principalmente – pelo seu discurso. *Dama da Noite* desconstrói e transgride padrões de pensamento e seu interlocutor apenas assiste passivamente – sem direito a voz – a esse espetáculo iconoclasta, enquanto a personagem discorre com uma ironia mordaz sobre temas como o amor (a falta, a busca, a impossibilidade do toque), o sexo ou a morte. Todos esses temas, considerados tabus pela sociedade, são retomados sem qualquer pudor com um certo toque de ironia e de maneira até agressiva pela personagem: “Feia, tão feia a morte, boy. A pessoa fica meio verde, sabe? Da cor quase assim desse molho de espinafre. [...] Tem uma coisa que já não está mais ali, isso é o mais triste” (ABREU, 1989:96). Caio, em sua narrativa, “desconstrói os conceitos de identidade, a partir da constituição de um sujeito *queer*” (LUGARINHO, 2001:36). As identidades estabelecidas são postas em questão pelo caráter ambíguo de *Dama da Noite*, pela sua condição de “entre-lugares”, pelo seu aspecto de metáfora: “Converte-se a doença em metáfora para a condição doentia da vida desnaturalizada do sujeito na metrópole, na qual o estilhaçamento, e também o embaralhamento, das identidades [...] [são] o cerne da questão” (MACIEL, 2006:34). Caio elabora uma narrativa aberta a muitas interpretações, sem nunca dar uma pista clara de seu sentido, em que “apresentando sujeitos descentrados, definidos pela ausência, pelo sentimento de falta [...] mostra a complexidade das identidades, constituídas por processos bem mais complexos do que a posição simplista de preferência de gênero dominante” (MACIEL, 2006:37). *Dama da Noite* é um dos trabalhos de Caio que nos permite essa leitura em que, como nos adverte Mário César Lugarinho (2001:36), “deve-se observar o lugar de onde o discurso é gerado e, portanto, que outros sentidos não previstos pelo centro

sejam apontados, na medida em que são gerados à margem”. Concluímos dessas observações que um dos elementos essenciais à leitura dos textos de Caio é o confronto que ele estabelece com as ideologias dominantes e o questionamento dos modelos estabelecidos, que permitem uma reflexão crítica sobre o lugar do sujeito na sociedade atual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os perigosos: autobiografia e AIDS*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. *Teoria Cultural de A a Z: conceitos-chaves para entender o mundo contemporâneo*. São Paulo: Contexto, 2003.

DA SILVA, Antônio Marcos Moreira. “O lugar incomum no livro *Morangos mofados* de Caio Fernando Abreu”. Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2001.

DE OLIVEIRA, Antonio Eduardo. “Cartografias homoafetivas na espacialidade da urbe: percursos na obra de Caio Fernando Abreu”. 2007.

GARCIA, Wilton. *Homoerotismo e imagem no Brasil*. São Paulo: U.N. Nojosa, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUGARINHO, Mário César. “Como traduzir a teoria *queer* para a língua portuguesa”. In: *Gênero*. v.1, n.2. Niterói: EdUFF, 2001. p. 33-40.

MACHADO, Danilo Maciel. *O amor como falta em Caio Fernando Abreu*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, 2006.

MACIEL, Jessé dos Santos. "Momentos do homoerotismo. A atualidade: homocultura e escrita pós-identitária". In: *Terra roxa e outras terras: revista de estudo literários*. Londrina: 2006. p. 26-38.

SAVIO, Lígia. "Contos de Caio Fernando Abreu: uma experiência de mergulho". In: *Ciênc.let.* n.34. Porto Alegre: 2003. p.183-192.

### **RESUMO**

Este trabalho visa analisar o conto "Dama da Noite", de Caio Fernando Abreu sob uma perspectiva simbólica enfocando a "Queer Theory". Por meio de uma comparação, enfatizando trechos do conto, desvendaremos a "Dama da Noite" como uma metáfora para o vírus da AIDS e explicitaremos a recorrência da questão do HIV na obra de Caio Fernando Abreu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caio Fernando Abreu; AIDS; Metáfora; Teoria Queer